



**casadesarmento**

centro de estudos do património

© Sociedade Martins Sarmento | Casa de Sarmento

**Casa de Sarmento**  
**Centro de Estudos do Património**  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4810-241 Guimarães  
E-mail: [casa.sarmento@cs.uminho.pt](mailto:casa.sarmento@cs.uminho.pt)  
URL: [www.cs.uminho.pt](http://www.cs.uminho.pt)

# CENTENARIO

DA

## GUERRA PENINSULAR

---

**Allocução proferida pelo rev. João Gomes d'Oliveira Guimarães, dignissimo presidente da Camara Municipal de Guimarães, na sessão solenne realisada na Sociedade Martins Sarmiento, commemorando o centenario da Guerra Peninsular.**

Minhas senhoras. Meus senhores.

As primeiras palavras que me cumpre proferir ao declarar aberta esta solemne sessão, convocada pela camara, a que me honro de presidir, para commemorar uma das mais esplendorosas manifestações de patriotismo vimaranense, do amor e serviços de que o povo d'esta cidade e concelho deu testemunho, n'uma das conjuncturas mais criticas para a autonomia da nação, que D. Affonso Henriques fundou, são, e não podiam deixar de ser, expressões de muito reconhecimento que, em meu nome e da camara, dirijo á Sociedade Martins Sarmiento, pela generosa cedencia d'este edificio, e a V. Exc.<sup>as</sup> pela subida honra que nos fazeis, concorrendo em tão grande numero e tão de boamente, a abrilhantar este acto, que assim se realça, enaltece e toma a expressiva significação, que em nosso animo estava imprimir-lhe.

\*

O burgo e concelho vimaranense, nado e creado sob as inspirações da fé christã e do mais puro e sincero patriotismo, cimentou com a força do seu braço, com o sangue das suas veias e com as pujanças do seu alto espirito, a nacionalidade portugueza e por isso não é para admirar que

a historia nos testemunhe que elle acudisse sempre pressuroso ao chamamento dos seus reis quando estes, desfraldando o pendão das quinas, mantinham, com honra e gloria, a autonomia e independencia do torrão patrio, que tantas e tamanhas luctas custára e pelo qual tanto generoso e ardente sangue se vertera.

E mesmo que alguma vez um rei fraco, pusilanime, enveredando pelos meandros d'uma politica dubia e tergiversante, falte ás obrigações que a sua alta magistratura lhe impõe para sustentaculo e defeza da sua terra; ainda mesmo n'esses momentos de desolação e dôr, o povo de Guimarães conserva bem affectivo no fundo do coração o amor á terra querida da patria e no seu espirito espreita, atravez das desgraças e das oppressões, que o esmagam, o ensejo propicio, opportuno, o momento psychologico, para se levantar como um só homem e rehastear glorioso no cimo da sua torre de menagem, o balsão secular e victorioso, que as mãos d'Affonso Henriques ahí implantaram.

O factio heroico, cujo centenario celebramos, é a demonstração do meu dizer.

\*

Não é meu intuito, senhores, desenvolver as causas, a sequencia e os effeitos da invasão franceza em Portugal, e muito menos narrar e apreciar esse acontecimento, que na historia da Europa é conhecido pelo nome de guerra peninsular, no qual os soldados portuguezes, lembrando as ingentes pugnas dos antigos tempos contra a mourisma, adquiriram elevada e justificada reputação de bravura, disciplina e heroicidade, que a Napoleão e ao vencedor d'Waterloo arrancaram os mais inequívocos testemunhos d'admiração e applauso; — para semelhante empreza mingua-me a competencia e nem que a possuísse o tempo que me é concedido o permittiria. Outrem certamente o fará e não deveria roubar os direitos que a cada um pertencem.

Mais restricto e modesto é o meu proposito, que aliás me é imposto pela posição especial em que me encontro. Cumpre-me sómente commemorar, e ainda assim a largos traços, o concurso do concelho de Guimarães no levantamento popular contra o dominio francez, que em 1808 vergava a nação portugueza sob o peso de violencias e extorsões dos tempos medievos.

Recordar o que os nossos passados soffreram d'oppres-

sivo sob a occupação franceza, os sacrificios que em vidas e bens supportaram, os esforços e luctas que travaram para a expulsão dos invasores, dando aos seus concidadãos e legando aos vindouros os mais suggestivos exemplos d'amor e dedicação pela patria, tal é o meu intento.

Representando a camara o concelho de Guimarães, é do povo, é das acções dos filhos de Guimarães que lhe cumpre fallar. E lembrar os actos heroicos e educativos d'aquelles de quem todos nós descendemos, é para mim, minhas senhoras e meus senhores, assumpto que muito me apraz versar. Sempre que a minha memoria recorda as paginas brilhantes do povo vimaranense ufano-me e envaideço-me de haver nascido n'um pobre tugurio sobre o qual o alteroso castello de Mumadona ainda projecta a sua benefica sombra, quasi dez vezes secular.

Meus senhores, a vossa paciencia e a vossa indulgencia, é posta hoje a mui dura e escabrosa prova.

\*

Senhores: É sabido que ao mesmo tempo que o general Junot, vadeando torrentes, trepando alcantis, galgando precipicios e deixando em cada uma das asperezas das montanhas muitos dos soldados que com elle partiram de Bayona para impôr aos portuguezes as resoluções do tratado de Fontainebleau, atravessava a Beira e se apoderava de Lisboa á frente de dois regimentos que com difficuldade o poderam acompanhar, invadia Portugal pelo norte o general hespanhol Taranco com perto de 7:000 homens e doze peças d'artilharia, o qual, estacionando no Porto, tomou conta, em nome do rei da Etruria, do governo da Lusitania septentrional.

O concelho de Guimarães porén, senhores, não obstante as recommendações do Principe Regente, que ao fugir para o Brazil queria que os francezes fossem acolhi los como amigos, e apezar da obediencia submissa que a regencia por elle estabelecida prestava a Junot, só neutro se considerou subdito de Napoleão depois que não pequena multidão de tropas entraram no seu territorio.

As primeiras d'estas forças militares entraram em Guimarães a 18 de dezembro de 1807 e ainda assim só quarenta e oito dias depois, a 30 de janeiro de 1808, é que a camara declara pela primeira vez exercer as suas funcções em nome de Sua Magestade o Imperador dos francezes, Rei d'Italia e

Protector da Confederação do Reno; nas cinco sessões celebradas entre estas datas serviam em nome do Príncipe Regente Nosso Senhor, que Deus guarde <sup>1</sup>.

A altissima providencia de Deus, bondoso e misericordioso, guardou effectivamente o nosso Príncipe Regente, mas este, pela sua parte, guardava os portuguezes vogando mar em fóra em demanda do Brazil e deixando os seus fieis subditos á mercê do estrangeiro!

As tropas invasoras entram em Guimarães; as despesas com os aquartellamentos e obras dos quartéis sobrecarregam o cofre municipal; os aboletamentos pesam sobre o povo; as rendas de casas para habitação dos officiaes aggravam o estado financeiro da camara e por fim a carestia dos cereaes, attingindo o milho o elevado preço de 480 reis o alqueire e o centeio o de 800 reis, traz a penuria ás classes populares.

O Cabido da nossa Insigne Collegiada concorre com importante donativo para alliviar este excesso de despesas; a camara procura por todos os meios ao seu alcance attenuar os males que resultam da invasão, já internando nas estalagens as forças, já recusando-se a concorrer para os quartéis com lenha e azeite e limitando este fornecimento para a casa do corpo da guarda, já finalmente restringindo ao absolutamente indispensavel a derrama lançada ao povo e ordenando que grande parte das despesas fossem custeadas pelo rendimento das cisas <sup>2</sup>.

É de justiça lembrar os nomes dos vereadores que em tal conjunctura se mantiveram fieis á patria e desenvolveram os maiores esforços e trabalhos para minorar quanto possível o gravame do povo vimaranense. Leando de Sá Sotto Mayor, da casa das Hortas, familia hoje aqui extincta; Heitor d'Arrochella, pae do ultimo conde d'este titulo; Paulo de Mello Sampaio, tio paterno do snr. barão de Pombeiro, e o procurador do concelho João Rodrigues Corvite d'Araujo Costa, com o juiz de fóra dr. José Freire d'Andrade, — são nomes gratos á nossa lembrança.

Deve porém fazer-se justiça a todos e sem duvida tambem aos inimigos da patria e por isso não devo omitir que aqui não foram gravosamente sentidas então as extorsões e violencias directas sobre os corpos e bens dos vimaranenses,

<sup>1</sup> Consultem-se as actas das vereações d'esta época.

<sup>2</sup> Acta de 24-12-1807.

como as que no sul infelicitaram e aterraram os portuguezes dominados pelos soldados de Loison, o celebre maneta de bem triste recordação para nós; o general Taranco portou-se com verdadeira moderação, procurou conciliar as sympathias dos povos do norte de Portugal; mas a contribuição de guerra lançada por Napoleão, embora os portuguezes appellassem inutilmente para a misericordia do Imperador, onerou gravissimamente todas as bolsas e com a falta de numerario tornou-se necessario recorrer ás alaias das egrejas e confrarias.

Só da nossa Collegiada foram extorquidas pratas no peso approximado de 378 kilos e ao Cabido foi imposta, para ser paga em quatro prestações, a somma de 5:745\$461 reis <sup>1</sup>.

Por esta indicação calcule-se a quantia a que montaria n'este concelho a contribuição extraordinaria, que Napoleão impoz a Portugal com o pretexto de ser o resgate das propriedades individuaes, como se o exercito invasor d'este estado tivesse algum direito a apoderar-se do que cada um possue, nota um sabio historiador <sup>2</sup>.

Era com taes extorsões que o Imperador demonstrára praticamente aos portuguezes a realidade das magnanimas intenções de que se dizia dominado para conosco, as quaes em Bayona manifestou á junta presidida pelo marquez d'Abrantes e que esta communicou a toda a nação, sendo recebidas tão boas palavras em Guimarães a 19 de maio de 1808 pela camara, já quasi na totalidade composta por outros vereadores, que lhe responderam certificando a alegria propria e a do povo d'esta villa; protestando a sua submissão e obediencia e preparando-se para manifestar em publico regosijo o reconhecimento pelas beneficas disposições do animo imperial <sup>3</sup>.

Ainda porém não tinha decorrido um mez e os factos vieram demonstrar que não era este dizer a expressão do sentir do povo de Guimarães, nem até dos proprios vereadores, que mandaram escrever tão rendidas e obsequiosas palavras.

Deixo, meus senhores, no silencio os trabalhos que organisaram o levantamento da nação contra os francezes, que nos governavam como se fossemos uma provincia do imperio napoleonico; não é meu proposito, já o affirmei, versar senão o que respeita a Guimarães.

<sup>1</sup> Vide Archivo da Collegiada.

<sup>2</sup> M. Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*.

<sup>3</sup> Acta d'este dia.

\*

Às seis horas da tarde do dia 18 de junho de 1808, o povo de Guimarães e vizinhanças, com a camara e autoridades reune-se nos Paços do Concelho, e ahí, por convicção voluntaria, uniforme e geral, prorompe em entusiasticas acclamações ao Principe Regente e á independencia da patria; todos sem excepção de classes, clero, nobreza e povo, offerecem com a mais decidida expontaneidade o sacrificio de suas vidas e fazendas á causa santa da autonomia nacional<sup>1</sup>.

Da camara todos se dirigem á Collegiada e ahí, ante a imagem da Virgem da Oliveira, poderosa patrona dos vimaranenses, em o mesmo altar onde Affonso Henriques e João I curvaram as frentes e dobraram os joelhos, endereçam supplicas ao Todo Poderoso, ao Senhor Deus dos exercitos, com o mesmo fervor e pela mesma causa que o haviam feito aquellos piedosos e grandes reis: a expulsão do estrangeiro, a restauração da patria.

Uma solemne procissão com os retratos dos principes regentes sob o pallio, immediatamente organizada, percorre as ruas de Guimarães e a ella se associam, no meio dos mais vivos transportes d'alegria, todo o bom povo d'esta boa e portugueza villa.

Não se circumscreveram a orações os trabalhos d'este dia inolvidavel nos annaes de Guimarães, angaria-se um forte destacamento de cavallaria para defeza e guarda da villa e immediações; busca-se que todas as camaras e povo das vinte e sete villas e concelhos, que constituíam a grande e importante comarca de Guimarães, sigam e acompanhem o movimento aqui iniciado sob tão felizes auspicios.

No dia seguinte, antes das onze horas da manhã já o Governador das justiças e o Governador das armas do Porto recebiam da nossa camara a participação do movimento que na tarde da vespera se realisára.

Em 20 tomam-se providencias efficazes para a prosecução do movimento; estabelecem-se medidas policiaes para manter a ordem e obediencia ás leis; solicita-se armamento para as milicias, que é fornecido pelo capitão de cavallaria Jeronymo Vaz Vieira, da casa do Toural; cuida-se da instrucção dos mi-

<sup>1</sup> Vide o termo lançado no livro das Actas.

licianos que se incumbe ao provado valor e entusiasmo do seu coronel, Antonio Cardoso de Menezes e Vasconcellos, da casa das Lameiras; exercitam-se as ordenanças, o que se confia ao patriotismo do bom cidadão e seu valeroso capitão-mór Francisco Cardoso de Menezes Barreto, da casa do Proposto; fórma-se um corpo de voluntarios de linha, cujo alistamento, organização, ensino e commando se entrega a Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda, da casa de Villa Pouca; estabelecem-se partidos volantes para rondarem os caminhos em direcção ao Douro para avisarem dos movimentos do inimigo; organisa-se e arma-se o batalhão dos privilegiados das Taboas vermelhas; formam-se em corpos de defeza as communidades religiosas; excita-se o povo por meio de patrioticas proclamações, e finalmente supplica-se ao Arcebispo Primaz pastoraes identicas para serem lidas com o mesmo fim em todas as misas parochiaes<sup>1</sup>.

Para defeza da nossa villa que pelo arrojo entusiastico com que se levantava contra o dominio estrangeiro e se tornava o centro do movimento na provincia do Minho, ia certamente tornar-se o alvo contra que os dominadores dirigiriam violentos e continuados ataques, procura conseguir-se o reforço de duas peças d'artilharia, devidamente apetrechadas e muniçadas, que a junta do Supremo Governo do reino enviou e deram entrada em Guimarães a 14 de julho, sendo recebidas com a maior satisfação pelo clero, e nobreza e povo.

É justo, meus senhores, recordar hoje o nome do benemerito vimaranense adoptivo que, pelo seu zelo e patriotismo, foi o solicitador incançavel d'este trem de guerra, gastando doze dias na cidade do Porto, á sua custa, até alcançar a graça que a camara pedia. A Rodrigo Vieira Borges de Campos, abbade resignatario da igreja parochial de S. Paio de Vizella, devem-se estes grandes serviços<sup>2</sup>.

\*

Iniciado o movimento d'expulsão e desenvolvendo-se pelas provincias do norte, pondo em armas e fogo todos os povos do norte do Douro, Junot ordenou que o general Loison, partindo da praça d'Almeida, atravessasse o rio Douro e suffo-

<sup>1</sup> Acta d'este dia.

<sup>2</sup> Acta d'este dia.

casasse a insurreição. Loison chega no dia 21 de junho a Mesão-frio, tendo já deixado pelo caminho alguns dos seus soldados feridos ou mortos pelo fogo das emboscadas; d'aqui não se aventura a atravessar o Marão. Sahem-lhe pela frente as tropas e ordenanças de Guimarães, e d'outras terras, commandadas pelos nossos Gaspar Teixeira e Monsenhor Pedro Machado de Miranda<sup>1</sup>; perseguido, acossado, principalmente pelos vimaranenses, recua, repassa o Douro, foge precipitadamente de Lamego e é alcançado em Póvoa de Juvantes, sendo depois de duas horas de vivo fogo obrigado a retirar-se para Castro Daire e d'ahi por Vizeu e Celorico acolhe-se em 1 de julho aos muros d'Almeida, d'onde havia sahido em 14 de junho com o proposito d'entrar triumphante no Porto.

Esta retirada em que Loison perdeu dois obuses, as munições e as bagagens, encheu d'enthusiasmo os portuguezes, produziu um espantoso effeito moral, ateiou incrivelmente a insurreição, diz Pinheiro Chagas.

Entre o espolio tomado ao inimigo figuraram quatro fardas de valor e muito apreciadas. Duas d'ellas vieram para Guimarães trazidas por um valente frade do convento de S. Domingos, mais tarde notavel professor official de Rhetorica n'esta villa, frei Antonio Pacheco, o qual collocou uma na egreja da sua Ordem e outra na egreja de Nossa Senhora d'Oliveira. Com esta na mão, subiu ao pulpito e, castigando-a com uma vara, profere um discurso cheio de patriotismo, que despertou vivissimo enthusiasmo no povo<sup>2</sup>.

Um escriptor da época, fallando do movimento popular contra os francezes, diz que n'elle se distinguiu com especialidade a villa de Guimarães, que, depois de ter aclamado o nosso Principe, correu ao encontro de Loison, que marchava sobre o Porto; accrescentando que o zelo e valor com que Monsenhor Miranda se portou n'esta occasião é digno de levar o seu nome á posteridade. E ácerca de frei Antonio Pacheco escreve: o que mais admirou e encheu de medo (a Loison) foi o celebre frade dominico, que o perseguiu por espaço de cinco ou mais leguas, fazendo-lhe grande estrago e sem que elle o podesse colher.

Dizem que Loison tivera grande pena de o não aprisio-

<sup>1</sup> Soriano, «*Historia da Guerra civil*». — *Guerra Peninsular*, I.

<sup>2</sup> Soriano, *Ibidem*, pag. 263, nota.

nar, porque o queria levar de presente a Napoleão para amos-trar do que são os habitantes de Portugal<sup>1</sup>.

Não foi porém necessario que Napoleão visse frei Antonio Pacheco para que, em seguida á batalha de Wagram e á tomada de Smolensk, a nosso respeito arrancasse a tão honrosa exclamação: com um exercito de homens como áquelles eu conquistava o mundo!

Com a fuga de Loison o Minho e Traz-os-Montes ficaram livres dos francezes, mas os vimaranenses não finalisaram com os serviços já prestados os documentos da sua dedicação pela patria.

Muitos dos seus filhos continuaram voluntarios a combater pela restauração de Portugal, incorporando-se, nomeadamente o batalhão dos privilegiados da Collegiada, no exercito combatente e posso dizer que o já referido frei Antonio Pacheco tomou parte na batalha do Vimeiro<sup>2</sup>.

E tambem vem aqui a proposito lembrar João Marcelino da Costa e Sá, da antiga casa de Paçô, o valente e patriotico Tenente da Leal Legião Lusitana que a 9 d'agosto de 1808, incitou os seus camaradas a seguirem a causa da patria, imitando-lhe o exemplo<sup>3</sup>.

E quem se não alistou nas fleiras do exercito concorreu com cavallos e muares, grãos e dinheiro, que, além dos donativos das Irmandades, montou a mais de 16:000\$000 reis, afóra 2:000\$000 reis com que concorreu o Cabido da Collegiada<sup>4</sup>.

\*

É sabido, meus senhores, que a invasão commandada por Junot terminou com a expulsão total dos francezes em virtude da convenção assignada em Cintra a 30 d'agosto de 1808.

Esta convenção, apesar do desgosto que algumas das suas clausulas produziram entre nós, pôz remate ao desideratum ambicionado pelo glorioso movimento e os mais ruidosos festejos e acções de graças se realisaram em todos os recantos

<sup>1</sup> Vide *Verdadeira Vida de Bonaparte até á feliz restauração de Portugal*, por L. S. O. Lisboa, 1808; citado por *O Bem Publico*.

<sup>2</sup> Vide o Archivo da Collegiada e Soriano, *obra já citada*.

<sup>3</sup> Vide *Guimarães*, pelo padre A. Caldas, vol. I, pag. 257.

<sup>4</sup> Vide *Guimarães*, pelo padre A. Caldas, vol. I, pag. 332 e seguintes.

de Portugal; tamanha era a animadversão para com os invasores e tão acrisolado e vivo o sentimento da independência e liberdade da terra querida onde nascemos.

A primeira noticia da total restauração do reino foi celebrada em 21 de setembro pela nossa camara com um *Te-Deum* na Collegiada e com illuminações em toda a villa e arrabaldes, sem excepção das mais pobres cabanas.

A estas primeiras manifestações d'alegria succederam d'accordo com o Cabido, pomposissimas festividades, procissões, illuminações, fogos brilhantes, e finalmente solemnes exequias pelo eterno descanso dos que morreram em defesa da patria. Estas manifestações decorreram desde 28 d'outubro a 4 de novembro.

Um folheto, hoje raro, impresso na época, dá-nos a descrição minuciosa do que se praticou na villa de Guimarães em applauso da feliz restauração d'este reino. Lido hoje por nós desperta o nosso patriotismo, dá-nos a ufanía de sermos filhos de tão bons portuguezes, o legitimo orgulho de sermos vimaranenses.

Tal foi, meus senhores, narrada a rapidos traços, a parte notabilíssima que os nossos passados tomaram no glorioso levantamento da nação portugueza contra a primeira invasão franceza, cujo centenario hoje estamos commemorando.

Terminada, meus senhores, a primeira invasão franceza e remodelado o supremo governo da nação, cuidou-se, na previsão d'uma nova irrupção das tropas de Bonaparte, de reorganisar o exercito portuguez a fim de que os nossos soldados podessem resistir com energia; e, sabendo-se que Napoleão não era capitão que deixasse d'empregar aturados esforços para levar a cabo o plano uma vez concebido, não se ficou sómente na reorganisação do exercito, mas determinou-se o armamento geral do paiz.

Eram necessarias avultadas sommas; os governadores do reino appellaram para o não desmentido patriotismo e generosidade portugueza.

Guimarães e seu termo, não obstante os donativos com que pouco antes concorrera para a defeza da patria e apesar

da somma com que se vira forçado a entrar nos cofres de Junot, apressou-se a collocar no altar da patria o valiosissimo donativo de 37:005\$530 reis, e isto além das despezas que teve de fazer nos quartéis para aquartelamento d'um regimento que para aqui tinha de ser enviado e para que se pediam 1:570 camas aparelhadas, cereaes, generos de consumo, etc.

O povo concorreu gratuitamente com 270 alqueires de milho e em dezembro de 1808 veio o 2.º batalhão do 21.

Pozeram-se em pé de guerra as ordenanças, entregando-se ao seu capitão-mór, encarregado da defeza d'este districto militar, 16:155 cartuchos de polvora embalada; preparou-se para marchar á primeira voz o batalhão dos privilegiados; e assim por tal modo, Guimarães estava preparado para receber o anno de 1809, que de feia catadura se antolhava e de facto n'elle se realizou a segunda invasão franceza.

Em 23 de fevereiro o general Bernardim Freire ordena que o batalhão dos privilegiados estacione em Caniçada, freguezia do actual concelho de Vieira, a fim de marchar d'este ponto para a Portella de Homem ou para Salamonde, consoante os movimentos do inimigo, que era commandado por Soult, determinassem; em 8 de março é mandado reforçar Salamonde, aonde se conservou até 16, dia em que os francezes romperam esta passagem.

N'este ponto foram mortos 8 soldados d'este batalhão, feridos gravemente 10 que ficaram prisioneiros e ainda outros levemente <sup>1</sup>.

O testemunho da nossa homenagem, meus senhores, é devido a estes patriotas, que abandonaram a cultura dos seus casaes para correrem em defeza da patria, alistados sob o pendão da Virgem da Oliveira!

Não foram unicamente os soldados das Taboas vermelhas que tomaram parte n'esta serie de combates, que terminaram pela entrada dos francezes em Braga, depois de forçada a passagem do Carvalho d'Este em 19 de março; n'este conjunto de luctas a que os francezes dão o nome de victoria de Lanhoso, estiveram combatendo as ordenanças e muitos outros

<sup>1</sup> Archivo da Collegiada.

populares do concelho de Guimarães; o sangue d'alguns tingiu junto à Senhora do Porto as aguas do Ave e outros por allí deixaram a vida.

Um d'estes foi o vigario da freguezia de Matamá, padre Francisco José Mendes, morto no dia 18 e sepultado em Pedralva <sup>1</sup>. O preito da nossa saudade e da nossa admiração ao patriotismo do parochio d'uma das nossas mais pequenas e pobres freguezias, que, certamente á frente d'alguns parochianos, cahiu no campo da batalha combatendo animosamente pela independencia da patria!

Forçado o Carvalho d'Este, uma das columnas francezas, sob o commando do general de Lahoussaye, atravessou, vindo por Arosa, caminho de S. Torquato, parte do nosso concelho e entrou em Guimarães no dia 23 de março em força superior a 4:000 homens e por aqui se conservou aproximadamente tres mezes <sup>2</sup>.

As pratas das nossas egrejas soffreram pela segunda vez a rapina dos francezes e, ainda mesmo que as entranhas da terra procurassem occultal-as aos olhos avidos e ás mãos rapaces dos invasores, nem assim escapavam. Sirva d'exemplo o succedido com as da egreja de S. Pedro, horrorosamente profanada, que, enterradas no passal do abbade de Pinheiro, foram descobertas e roubadas <sup>3</sup>.

\*

A tradição, meus senhores, conserva bem viva a lembrança dos continuos sobresaltos do povo de Guimarães e das freguezias do termo á aproximação de qualquer destacamento francez. Os campos abandonavam-se; as casas despovoavam-se; os miseros jornaleiros e lavradores, pondo a bom recato o pouco bragal, que era a sua riqueza, buscavam os escondelijos dos montes onde se occultavam até passar a *razzia*.

A nossa Penha acolheu por vezes os atribulados camponeses das nossas visinhanças.

<sup>1</sup> Vide Archivo parochial de Matamá, livro dos obitos.  
<sup>2</sup> Chaby, *Excerptos hist. da guerra da peninsula*, III-103 e seg. — *Hist. de Port.*, de Pinheiro Chagas.  
<sup>3</sup> *Guimarães*, do padre Caldas, vol. II, pag. 147.

Na minha meninice, senhores, os meus olhos fixavam-se, com ávida curiosidade da creança, nas carcomidas taboas d'uma velha caixa de castanho, a qual, diziam-me, enterrada n'uma horta, guardára as preciosidades da minha casa de pobres agricultores, enquanto os meus passados espreitavam, foragidos, o primeiro ensejo opportuno para regressarem ao seu querido lar.

E o que succedeu no meu casal foi, certamente, o succedido em todas as freguezias do concelho.

Tambem, meus senhores, desgraçados dos soldados de Napoleão que se arrojassem a transitar desprevenidos pelos estreitos carreiros dos nossos campos ou pelas apertadas gargantas dos nossos montes!

Do cimo d'uma arvore frondosa ou do emmaranhado das mattas espessas, do meio dos mattos ou detraz das paredes, que circuitavam os campos, rompia o fogo mortifero, que os fazia morder o pó da terra, e quando a bala da carabina ou o chumbo da caçadeira, não victimava por completo o infeliz soldado, que talvez já tivesse escalado praças fortes ou vencido custosas batalhas, no robusto galho d'uma arvore findava a scena horrivel no meio de estrondosos vivas ao príncipe regente e á santa religião, que abafavam a estoriosa agonia dos ultimos momentos dos miserandos!

Era em todo o seu auge, a guerra de guerrilhas, que é a suprema vingança dos povos que disputam a independencia suffocada pela ambição dos estrangeiros, diz um romancista que admiravelmente nos descreve as scenas horrorosas d'esta época, A. Gama.

\*

Mas, adeante, senhores, que o tempo urge e a minha prosa não tem o condão d'atrahir.

Em abril, quando Soult se resolveu a operar seriamente contra o general Silveira, a cujas ordens militavam os privilegiados de Guimarães, sabiu d'aqui para Amarante Lahoussaye com as forças do seu commando para se reunir a Loison.

Na heroica e gloriosa resistencia de Silveira na ponte d'Amarante encontrou a morte, entre outros, um filho d'este concelho; seu pae Francisco Joaquim Moreira de Sá, das immediações de Vizella, n'um poema, que deixou manuscrito, intitulado *A Queda de Napoleão*, atravez do entusiasmo com



que exalta Silveira, rememora saudoso o filho querido, dizendo:

« Mas ai, que esta lembrança lisongeira  
Trocou em pranto a voz, que ergui ufana,  
Que ali um filho perco, que descobre  
Grandes esperanças, que hoje a terra cobre. »

\*

Apesar do desastre com que findou para os portuguezes a memoravel defeza d'Amarante, o dominio francez não devia prolongar-se; Soult dentro em breve teria d'operar essa retirada, memoranda nas mais brilhantes paginas da historia militar do mundo.

As tropas anglo-portuguezas desalojam-no do Porto e elle, destroçado, prepara-se para abandonar Portugal.

Deixo a este respeito fallar o illustre poeta vimaranense, a que ainda agora me referi:

« Marcham já sobre o Porto de mãos dadas  
Bravos bretões e as tropas portuguezas,  
Levam certa a victoria nas espadas,  
A esperar não se atrevem os francezes,  
Que fugindo e dos nossos acoitados  
Largam armas, dinheiro, honra e presas,  
E por entre os terrores da fugida  
Só tratam de salvar a triste vida. »

Soult, não encontrando livre a estrada d'Amarante, nem a de Braga, por onde projectava retirar-se á Hespanha, destroe a artilharia, queima as bagagens e munições, e dirigindo-se pelas terras vimaranenses atravessa com o seu exercito a serra de Santa Catharina e, depois de se reunir junto a Guimarães com Loison e Lorges, segue pelo norte do concelho em direcção ao Carvalho d'Este <sup>1</sup>.

Deixo em silencio as oppressões e extorsões, que n'esta ultima passagem atravez o nosso concelho houve que supportar; não quero porém omitir um acto, que demonstra os sentimentos nobilissimos do povo vimaranense.

Barbaramente tratados, roubados, espesinhados na sua crença, nem assim os vimaranenses pospõem o cumprimento do dever.

<sup>1</sup> Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*, VIII-25.

Um homem pobre de Caldellas Joaquim Francisco, na fuga dos francezes, encontra, perdido e abandonado, um valioso cordão d'ouro, que talvez cahisse da mochila d'algum soldado, onde com outros roubos se occultaria. Entrega-o sem hesitações á camara e esta não olvida a justa recompensa, que um acto tal e em taes circumstancias merece. Proceder tão honrado é devidamente apreciado <sup>1</sup>.

Guimarães que, durante tres mezes d'este anno de 1809, não deixou um só momento de ser pisada pelas tropas francezas, está finalmente livre dos invasores e pôde respirar socegada, volvendo ao amanho dos seus campos, ás lides do seu commercio, aos labores da sua industria.

\*

Meus senhores:

A terceira invasão franceza, commandada por Massena não se fez sentir nas terras do nosso concelho a não ser pelos inevitaveis sobresaltos, despezas e contribuições, que a guerra produzia em todos os cantos do paiz.

A esta seguiu-se até 1814 a denominada guerra peninsular, em que o exercito anglo-luso, ás ordens de Wellington, se cobriu de gloria, e que findou com o cerco de Bayona concluido em 28 d'abril d'este anno.

Muitos officiaes e soldados vimaranenses, incorporados nos corpos de linha, derramaram o seu sangue n'essa epica e brilhante campanha.

Não tenho á mão os elementos precisos para memorar individualmente todos esses heroes, que continuaram a tradição gloriosa, que nas armas Guimarães vinha accumulando desde a fundação da monarchia. Ser-me-ia grato, n'este momento em que commemoramos o inicio do levantamento popular, que deu em resultado começar a empallidecer a brilhante estrella, que illuminou até então os destinos do grande conquistador, relembrar os nomes de todos os antepassados das familias vimaranenses, que se illustraram na guerra peninsular; não é porém de notar que, á falta de noticias completas, relembre aquelles de que pude alcançar conhecimento.

Já é alguma coisa.

<sup>1</sup> Archivo da camara, livro das contas de 1809.

Da distincta familia Navarros, honra de Guimarães nas letras e sciencias, batalharam na guerra peninsular 4 officiaes — Joaquim, alferes de caçadores 3, ferido no combate das Alturas de Veza em 7 de outubro de 1813, foi condecorado com a cruz n.º 2; — Henrique foi condecorado com a cruz de 5 campanhas; — Sebastião, condecorado com a cruz n.º 2; — Rodrigo, alferes de caçadores 8, ferido no combate de Carrion em 25 d'outubro de 1812 e na batalha do Nive em dezembro de 1813, condecorado com a cruz n.º 2.

Garpar Teixeira de Magalhães e Lacerda, de quem já antecedentemente fallamos, commandante de cavallaria 5 no sitio de Olivença em abril de 1811 e no combate d'Uzagre em maio do mesmo anno; — Antonio de Napoles Vaz Vieira, barão do Custeado, condecorado com a cruz n.º 5; — Manuel Joaquim Moniz, major de infantaria 4, entrou na batalha de Tolouse em 10 d'abril de 1814; — Ignacio Moniz Coelho, irmão do antecedente, condecorado com a cruz de 3 campanhas; — o 1.º Visconde d'Azenha, que n'estas campanhas adquiriu o posto de tenente-coronel; — José Maria de Sousa da Silveira, morgado dos Pombaes.

E como estes vimaranenses, naturaes ou adoptivos, quantos outros escapam ás minhas investigações!

E com esta pleiade d'officiaes, que multidão de satellites gravitaram á volta d'estes astros brilhantes, a qual foi composta pelos filhos do povo vimaranense, cujos nomes jazem sepultados nos archivos militares, ou sómente a lembrança de suas modestas familias conserva, e que a historia não registra nos seus annaes!

Não esqueçamos nós, no dia d'hoje, esses illustres inominados, que fizeram parte d'esse exercito valente, de quem um poeta<sup>1</sup>, que pôde dizer-se filho de Guimarães, cantou:

« Mas sem a lusa tropa, audaz, guerreira,  
Wellington tal que é, talvez não fôra  
O heroe libertador da Europa inteira. »

Que mais dizer, minhas senhoras e meus senhores?

Nem o sei, nem mesmo que o soubera demasiadamente tenho cançado a V. Exc.<sup>as</sup>; em nenhuma occasião tem mais

<sup>1</sup> João Evangelista de Moraes Sarmiento.

cabida applicação o dizer do Mantuano: *Claudite jam pueri rivos, sat prata biberunt.*

Resta-me agradecer a immerecida attenção, que a vossa generosa benevolencia me dispensou, e apresentar a desculpa que peço, para a pobreza das flôres com que tinha a pretensão d'engrinaldar a gloriosa frente dos vossos antepassados. Bem sabia que os factos heroicos de vossos maiores desmereceriam ao serem narrados pela minha palavra agreste, a proposito porém me acudiu o dizer d'um nosso mavioso poeta<sup>1</sup> e n'este dizer está a desculpa para o meu arrojo:

« Eu sempre que fallo das nossas façanhas,  
Me sinto orgulhoso de ser portuguez;  
Que são ellas tantas, tão grandes, tamanhas,  
Que nunca que eu saiba, ninguém inda as fez.

Bem sei que ellas perdem muito do que valem  
Em serem contadas, descriptas por mim:  
Mas como ellas foram bem poucos as sabem,  
Não hei de deixal-as morrerem assim.

Vae n'ellas a honra, vae n'ellas o nome  
Dos nossos briosos, valentes avós;  
Se a terra ha muito seus ossos consome,  
Do que elles fizeram lembremo-nos nós. »

<sup>1</sup> Luiz Ignacio Xavier Palmeirim, *O Veterano*. — Vide Chaby, III-178.